

Marcelo Fernandes de Miranda

Percepções mitológicas na história em quadrinhos:

O Ouro do Rhine

Taguatinga/DF
2012

Percepções mitológicas na história em quadrinhos:

O Ouro do Rhine

Marcelo Fernandes de Miranda¹

Uma mitologia é o comentário específico de
uma era ou civilização sobre os mistérios da
existência e da mente humanas”

Hilda Roderick Ellis Davidson

Resumo

Este artigo apresenta uma reflexão da mitologia embutida na história “O Ouro do Rhine” que é a primeira parte da história em quadrinhos “O Anel do Nibelungo”. Essa história é uma adaptação em quadrinhos de uma ópera de mesmo nome cujo compositor é o músico alemão: Richard Wagner. Procuramos abordar os mitos e a mitologia nórdica-germana com uma visão histórica cultural. Nosso estudo trata da influência mitológica nesta forma de arte sequencial e das resignificações encontradas no decorrer da obra.

Palavras-chaves: O anel do Nibelungo, mitologia germânica, histórias em quadrinhos.

Abstract

This article presents a reflection of the mythology inlaid in history “the Gold of the Rhine” that is the first part of comics “the Ring of the Nibelungo”. This history is an adaptation in comics of an opera of same name whose composer is the German musician: Richard Wagner. We look for to approach myths and mythology Scandinavian-full sister with cultural a historical vision. Our study it deals with to the mythologies influence in this form of sequential art and the signification found in elapsing of the workmanship.

Words-keys: Ring of nibelungus, art comics

¹ Pós graduado em filosofia, história e sociologia. Graduado em história. Professor de informática educativa com curso técnico de informática e extensão em informática na educação. Grande fã de quadrinhos.

Introdução

O ser humano tem necessidade de contar seus feitos, aventuras e suas vontades. Desde os tempos mais remotos essa manifestação de desejos foi se aprimorando, sendo vivenciada, contada e escrita até ser compreendida como a história que hoje estudamos. Todo esse processo se estendeu por milênios e sempre a inevitável força dos contos históricos se estabeleceu. A história tem uma ligação íntima com o homem, que tenta resgatar em suas entranhas os acontecimentos que têm alguma relação com o próprio ser humano, pois é o mesmo que tenta ordenar tudo que ele encontra no seu meio. Ela própria, a história, se criou de uma necessidade do homem de propagar seus feitos e vivências em cada época vivida e por tanto é um material de onde se obtêm vários pontos de vista e percepções. “Os historiadores, em cada época, têm a liberdade de recontar a história a seu modo.”² E também de acordo com suas necessidades, pois é algo inesgotável e cabível em qualquer época.

Diante de tudo isso o historiador aparece como um mediador na maneira em que um acontecimento é relatado e abordado. Sua visão é colocada a mostra e ele tem a liberdade de usar a imaginação e ampliar os horizontes em busca da escrita da história, pois a narrativa estabelecida está impregnada de ficção para preencher as eventuais lacunas que aparecem no decorrer da pesquisa. Mesmo em um relato de um acontecimento dito “plenamente” histórico, assim como em um romance, a parte fictícia tem seu valor, visto que é obra do seu criador que visa o melhor entendimento da trama histórica. “O romance deve sua qualidade de gênero literário não a seu caráter documental, nem à linguagem refinada, mas à sua força de ficção.”³ Isso não tira o mérito de um estudo sobre o que um texto relata, a época, os costumes, os acontecimentos. Toda obra ficcional tem seu valor e seu peso diante do comportamento humano, ainda mais quando relata algum acontecimento já escrito, seja muito tempo atrás ou a menos tempo. A essas obras podemos incluir o gênero das histórias em quadrinhos que têm uma carga de simbolismos e interpretações diversas. Esse tipo de obra fictícia tem um caráter que excede a compreensão física e história e é rico em detalhes tornando a leitura prazerosa e

2 VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história**. Tradução de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4ª edição. Brasília: editora universidade de Brasília, 1998. p. 19.

3 LIMA, Luiz Costa. **História. Ficção. Literatura**. São Paulo: Companhia das letras, 2006. p. 340.

proveitosa. “É por nos proporcionar esta espécie de excedente de percepção e de compreensão sobre o mundo e sobre nós que a obra de arte se faz portadora de saber.”⁴ E este saber nos remete ao acontecimento em que a obra está envolta ou intrínseca.

O presente artigo faz uma reflexão sobre a primeira parte da história em quadrinhos: “O anel do Nibelungo” intitulada de “O ouro do Rhine”⁵ de Roy Thomas e Gil Kane. Esse trabalho é uma adaptação em quadrinhos da ópera de mesmo nome do compositor alemão Richard Wagner. Nesta obra Wagner faz uma tetralogia baseada na mitologia Germânica e lendas Nórdicas e Teutônicas, onde cada parte tem sua individualidade, mas a intenção do autor era mostrar todas em série. As óperas que constituem o ciclo do anel são: “O Ouro do Reno”, “A Valquíria”, “Siegfried” e “O Crepúsculo dos Deuses”. A referida obra tem um total de setecentas e cinqüenta páginas repletas de instruções de encenação e montagem, mais de três mil páginas de música para serem executadas por uma orquestra com mais de cento e vinte instrumentos e tem uma duração de aproximadamente dezesseis horas. “Wagner levaria vinte e seis anos (entre 1848 e 1874) para completar O Anel do Nibelungo.”⁶

Pretendemos, neste trabalho abordar a visão dos autores na primeira parte da obra em quadrinhos e fazer uma análise das percepções mitológicas encontradas no decorrer de suas páginas. A análise se permeará nas referências mitológicas utilizadas pelos autores, juntamente com o olhar abordado e a linguagem utilizada, no caso os quadrinhos. Esse tipo de mídia proporciona uma visão detalhada de um ponto de vista de um acontecimento e é uma nova tendência para o estudo de história. A chamada “nova história” busca relevância em diversos tipos de fontes. “Tal tendência está promovendo uma aproximação da história com outras disciplinas das ciências humanas, no sentido de desenvolver uma metodologia adequada aos novos tipos de textos.”⁷

Nossa abordagem servirá apenas como mais uma reflexão a ser explorada dentre muitas outras que poderão surgir. A história nos permite fazer isso,

4 SILVA, Franklin Leopoldo e. in: Novaes Adauto: **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 142.

5 Preferimos deixar o título como no original.

6 KANE, Gil; THOMAS, Roy. **O anel do Nibelungo**. São Paulo: opera grafica editora, 2003. p. 5.

7 CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org). **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997. p. 402.

pois está sempre em movimento e se adapta ao pensamento e as intenções do autor e do ouvinte. Essa relação entre narrador e receptor é que mantém viva a chama histórica a ser preservada de maneira que sobreviva às passagens, acontecimentos e novas abordagens.

Histórias em quadrinhos: a arte nas entranhas históricas e filosóficas

O ingresso em novas visões históricas permite que se tenha a disposição todo tipo de fragmento onde houver algum vestígio do homem, para assim se obter algum tipo de interpretação. Essa abertura foi inovadora a partir do ponto em que as obras de arte passaram a ser vistas como fontes dignas da história. Quadros, esculturas, música, literatura e histórias em quadrinhos ganharam a liberdade de se tornar parte da pesquisa. A imaginação do ser humano também se aprimorou em mérito, pois ela o leva a lugares desconhecidos até então e está ligada as interpretações históricas tanto quanto os fragmentos utilizados. Os gêneros aqui relatados são apenas alguns e para esse artigo o escolhido será a história em quadrinhos. Nossa análise se estabelecerá no capítulo um, “O Ouro do Rhine”, do livro em quadrinhos “O Anel do Nibenlugo”. Essa narrativa tem como pano de fundo a obra de Richard Wagner que por sua vez tem como inspiração a mitologia Germânica e mitos Nórdicos. Sua índole ficcional não deve ser encarada com olhos “tradicionalistas” onde a falta de documentos deve ser reestruturada.

Das narrações de ficção é possível extrair testemunhos mais fugidios, porém mais preciosos, justamente porque se trata de narrações de ficção: ‘Os médicos analisam os humores corrompidos de seus pacientes com base em seus sonhos: do mesmo modo podemos analisar os usos e costumes do passado com base nas fantasias representadas em seus textos’.⁸

Pretendemos investigar as percepções mitológicas sem desconsiderar o caráter fictício da obra. “Nenhum historiador narrativo deixa a análise totalmente de lado, mas ela não constitui o arcabouço de sustentação em torno do qual constroem

8 GINSBURG, Carlo. Paris, 1647: um diálogo sobre ficção e história. In: _____. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício.** Tradução de Rosa Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo:Companhia das letras, 2007. p. 84.

a sua obra.”⁹ A imaginação também deve ser levada em conta, pois é sinônimo de interpretação.

Desde o período em que o homem aperfeiçoou a escrita, sua necessidade de deixar marcas foi se aprimorando. Os desenhos rupestres, as marcas feitas para se contar os dias, depois hieróglifos, números, sinais, letras foram se diversificando e se estendendo com o passar do tempo. As representações iam surgindo e o ser humano foi catalogando as diversas formas de se expressar. “Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade.”¹⁰ Esse processo foi longo e a partir da implementação da imprensa, a escrita se difundiu mais rapidamente. Os textos, poemas, romances foram tomando a forma que hoje conhecemos a partir do século XV com o aparecimento do tipógrafo. Em uma analogia com os dias de hoje esse feito é comparável com a internet, pois na época se demorava muito para a obtenção das cópias dos livros, visto que era um trabalho totalmente artesanal.

Os livros e manifestos foram surgindo e desenhos também eram impressos nas páginas destes ou soltos em papel próprio para moldura. Esses desenhos ganharam formas e companhias, até dois deles serem colocados dispostos lado a lado se comunicando. Nasciam aí as primeiras histórias em quadrinhos. Eisner relata que: “As primeiras revistas em quadrinhos (por volta de 1934) geralmente continham uma coleção aleatória de obras curtas.”¹¹ Elas eram geralmente feitas para crianças e continham travessuras de bichos e palhaços. Continham um caráter cômico e as tiras de jornais começaram a fazer sucesso entre o público adulto.

As histórias em quadrinhos ou “Arte Sequencial”¹² ganharam espaço com as publicações de histórias de seres fantásticos vindos de outros planetas e dimensões. Esses personagens poderosos chamavam a atenção dos adultos que viam em suas histórias de bravura e heroísmo uma marca a ser seguida por todos. Essa popularidade destes seres poderosos se estendeu até a culminância da segunda guerra mundial. Agora o mercado dos quadrinhos estava voltado para as lutas entre o eixo aliado e os inimigos. Os personagens das histórias em quadrinhos

9 STONE, Laurence. **O ressurgimento da narrativa**: reflexões sobre uma nova velha história. p. 14.

10 PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 39.

11 EISNER, Will. **Quadrinhos e arte seqüencial**. tradução de Luíz Carlos Borges. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.p.7.

12 Conceito estabelecido por Will Eisner

que sobreviveram, passaram a aparecer nas páginas guerreando contra os “inimigos da humanidade” (Nazistas e Japoneses). O sucesso era tanto que as vendas subiam exageradamente revelando a força e o fascínio do público pelas histórias. A preocupação começou a tomar conta por parte do governo norte americano que tomou medidas para acalmar as massas.

A interferência do governo que na época se deparava com a segunda guerra mundial mostra como os *comics* chamaram atenção das autoridades que perceberam o fascínio e a preocupação de seu poder como comunicação de massa.¹³

Esse fascínio é entendido quando a arte sequencial toma forma de fonte histórica e ingressa de vez no mundo acadêmico, pois depois da segunda guerra outro tipo de história surgiu: a “quadrinização” de romances literários. Muitos autores foram surgindo e dando uma cara nova as *Comics*. Estas passaram de entretenimento infantil a objeto de pesquisa e representações.

A configuração geral da revista em quadrinhos apresenta uma sobreposição de palavra e imagem, e assim, é preciso que o leitor exerça as suas habilidades interpretativas visuais e verbais. As regências da arte (por exemplo, perspectiva, simetria, pincelada) e as regências da literatura (por exemplo, gramática, enredo, sintaxe) supõem-se mutuamente. A leitura da revista em quadrinhos é um ato de percepção estética e de esforço intelectual. (...) Em sua forma mais simples, os quadrinhos empregam uma série de imagens repetitivas e símbolos reconhecíveis. Quando são usados vezes e vezes para expressar ideias similares, tornam-se uma linguagem – uma forma literária.¹⁴

Esse veículo para o uso na história se mostra muito rico e cheio de possibilidades devido a força imagética e os textos embutidos produzindo um corpo uniforme na percepção do leitor. Para se obter uma boa pesquisa nesse tipo de fonte deve se levar em consideração a carga imaginária de quem produz. Uma história de super-herói deve ser vista de modo diferente de um romance em quadrinhos. Assim como a transposição de uma mitologia para as páginas de uma revista deve ser pesquisada de outra forma, levando em consideração as fontes dos autores, o meio pesquisado, a forma como a história é conduzida e o processo das

13 JARCEM, René Gomes Rodrigues. **História das histórias em quadrinhos**. História, imagem e narrativas. nº5. ano 3, setembro/2007 – ISSN 1808-9895. Disponível em [HTTP://WWW.historiaimagem.com.br](http://www.historiaimagem.com.br). acesso 6 ago 2008. p. 4.

14 EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. tradução de Luíz Carlos Borges. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 8.

imagens e da narração. A arte sequencial possui limitações que podem ser recompensadas por imagens em grande escala funcional.

Desde o início, a concepção e criação escrita de uma história são afetadas pelas limitações do veículo. Estas virtualmente ditam o alcance de uma história e a profundidade da sua narração. É por esse motivo que as histórias e enredos de ação simples, óbvia, dominaram por tanto tempo a literatura dos quadrinhos. A seleção de uma história e a sua narração estão sujeitas às limitações do espaço, da habilidade do artista e da tecnologia de reprodução. Na verdade, do ponto de vista da arte ou da literatura, este veículo pode tratar de assuntos e temas profundamente complexos.¹⁵

Como é o caso da nossa pesquisa: Percepções mitológicas na história em quadrinhos: O Ouro do Rhine. Essa obra possui várias concepções mitológicas nórdica, escandinava e germânica. A riqueza de detalhes não esconde toda a beleza poética que se estende no decorrer de suas páginas. Os traços dos desenhos são firmes e convertem a imaginação do leitor em uma “leitura saborosa”.

Mitologia escandinava: alguns aspectos históricos e filosóficos

Toda mitologia tem um papel importante na formação de uma cultura. Os mitos aparecem para dar sentido e explicar os acontecimentos na formação da vida. Pode-se dizer que o mito é a primeira tentativa de se explicar algo que está “fora do imaginável”. Muitas vezes o mito é confundido com a religião. Essa baralhada pode ser definida como: a religião é

Uma explicação geral e coerente do universo, sustentando e animando a vida da sociedade e dos indivíduos. O mito é um sistema de conceitos que deve ser analisado sob a perspectiva da totalidade da qual faz parte – a religião.¹⁶

Toda sociedade tem seus mitos e rituais e eles surgem e são “resignificados” a cada nova forma de gerar o feito. As concepções mitológicas ajudam o desenvolvimento da sociedade e o mito se transforma em algo a ser analisado sob a ótica divina. Ele se estabelece naquilo que o ser humano gostaria

15 EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. tradução de Luíz Carlos Borges. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.p.127.

16 DUMÉZIL. apud: BOULHOSA, Patrícia Pires. **A mitologia escandinava de Georges Dumézil: uma reflexão sobre método e improbabilidade**. brathair 6 (2), 2006: 3-31. (<http://www.brathair.com>)

de encontrar na pós-vida e se aprimora com o desenvolvimento mental e psicológico do ser humano. O mito não aparece como a “verdade absoluta”, nem como uma inverdade, ele dá uma carga de “fantasia” aos feitos e acontecimentos.

O mito é um sistema de comunicação, é uma mensagem. Ele é um modo de significação, uma forma que possui limites históricos, condições de funcionamento etc. (...) Tem o compromisso de transmitir um conceito intencional.”¹⁷

A mitologia Escandinava engloba também a germânica e a nórdica, pois o “Perfil psicológico do ‘mundo germânico’ é derivado quase que exclusivamente do material escandinavo medieval, escrito sob a égide de uma cultura cristã e, em certos casos, diretamente influenciada por ela.”¹⁸ E “existe uma corrente histórica que afirma que os primitivos germanos seriam nórdicos que habitavam as regiões escandinavas e bálticas e teriam vivido muito tempo afastados do resto da Europa devido à densa floresta germânica.”¹⁹

O estudo dos mitos no “mundo germânico” têm a função de analisar as perspectivas através de dois principais escritos: a *Edda* poética e a *Edda* em prosa. A primeira é um apanhado de poemas antigos e o seu autor é considerado anônimo. A segunda, também chamada de *Edda Snorri*, é atribuída a um poeta e historiador Islandês chamado *Snorri Sturluson* que a teria escrito embasado nas poesias antigas. “A mais antiga das quais é em poesia data de 1056 e a mais moderna, em prosa, de 1640.”²⁰ As *Eddas* são pura poesia e são identificadas nas classes dominantes da época.

Essa poesia era não só a posse especial de uma camada privilegiada e exclusiva da sociedade, dotada de profunda consciência de classe, mas também em contraste, com a mais antiga poesia popular, era uma arte erudita, individualmente diferenciada,

17 BRAGANÇA JR, Álvaro Alfredo; JOTHA, Cátia. Os deuses entre os homens: aspectos do paganismo germânico na literatura medieval em alemão. in: CANDIDO, Maria Regina (org). **Mitologia Gernano-Escandinava: do caos ao apocalipse**. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2001. p. 46.

18 BOULHOSA, Patrícia Pires. **A mitologia escandinava de Georges Dumézil: uma reflexão sobre método e improbabilidade**. brathair 6 (2), 2006: 3-31. (<http://www.brathair.com>)

19 BRAGANÇA JR, Álvaro Alfredo; JOTHA, Cátia. Os deuses entre os homens: aspectos do paganismo germânico na literatura medieval em alemão. in: CANDIDO, Maria Regina (org). **Mitologia Gernano-Escandinava: do caos ao apocalipse**. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2001. p. 50.

20 BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis**. Tradução de David Jardim Júnior. 28ª edição. Rio de Janeiro : Ediouro, 2002. p. 380.

adquirida pela prática, criação de poetas profissionais a serviço da classe dominante.²¹

Isso não impediu a propagação dos escritos e a consagração dos mesmos por parte da população que via nessas aventuras de deuses, semi-deuses, gigantes e homens uma forma de cultuar uma crença. Pois nas *Eddas* “os deuses assumem forma humana e o mito é transposto de um contexto divino para um contexto humano.”²² Essa aproximação era o fator de identificação por parte da comunidade que cultuava valores pessoais e coletivos e viam, muitas vezes, nesses escritos algum tipo de norma para sua conduta. “O direito, a lei, é o valor-chave’ da sociedade escandinava tradicional, em conjunto com a alta valoração dada a conceitos como ‘honra’ e ‘reputação’”.²³ Isso é muito encontrado nessa mitologia que não tem o caráter maniqueísta comumente observado no cristianismo, aliás essa ideia não tinha carga nos acontecimentos da cultura escandinava como observamos hoje entre “o bem e o mal, por exemplo. Assim, para exemplificar: os gigantes são opostos aos deuses como seus inimigos mas, também, sábios, bem informados sobre as origens em sua qualidade de seres primordiais.”²⁴ Esses gigantes faziam parte da mitologia e foram, juntos com os deuses, os primeiros habitantes do universo.

Para se entender a construção desta mitologia tem que se levar em conta todo o processo oral que influenciou os escritos.

As fontes são de natureza diferente e de valor desigual: peças arqueológicas, escritos da época romana (em primeiro lugar a *Germania* de Tácio). Descrições dos missionários cristãos e, sobretudo, os poemas dos escaldos islandeses, completados por um precioso manual compilado por Snorri Sturluson, no século XIII. Por outro lado, foi somente na Islândia, cristalizada bastante tarde (no ano 1000), que se conservou uma tradição oral suficientemente

21 LANGER, Johnni. Alguns apontamentos sobre as eddas. in: CANDIDO, Maria Regina (org). **Mitologia Gernano-Escandinava: do caos ao apocalipse**. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2001. P. 27.

22 BELIER. apud: BOULHOSA, Patrícia Pires. **A mitologia escandinava de Georges Dumézil: uma reflexão sobre método e improbabilidade**. brathair 6 (2), 2006: 3-31. (<http://www.brathair.com>)

23 BOYER, Regis. apud. CARDOSO, Ciro Flmarion. Aspectos da Cosmogonia e da cosmografia escandinavas. in: CANDIDO, Maria Regina (org). **Mitologia Gernano-Escandinava: do caos ao apocalipse**. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2001. P. 21-22.

24 CARDOSO, Ciro Flmarion. Aspectos da Cosmogonia e da cosmografia escandinavas. in: CANDIDO, Maria Regina (org). **Mitologia Gernano-Escandinava: do caos ao apocalipse**. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2001. P. 15.

coerente para nos permitir reconstituir, em suas linhas gerais, a mitologia e o culto.²⁵

“Segundo as Eddas, não havia, no princípio, nem céu em cima nem terra embaixo, mas apenas um abismo sem fundo e um mundo de vapor no qual flutuava uma fonte.”²⁶ Desta fonte se formaram rios que se congelaram e se vaporizaram. Deste vapor surgiu Ymir, o primeiro gigante e a vaca Audumbla que alimentava Ymir. Das montanhas repletas de gelo e sal surgiu outra entidade. “O novo ser era um deus e dele e de sua esposa, filha da raça dos gigantes, nasceram os três irmãos, Odin, Vili e Ve, que mataram o gigante Ymir”²⁷ e com seu corpo formaram a terra, com o sangue os mares, com os ossos as montanhas, com os cabelos as árvores e com a testa esses deuses deram forma a *Midgard* (terra média) que, mais tarde, se tornou a morada dos homens. “Os filhos de Borr mataram o gigante Ymir, que foi colocado no abismo, criando-se dessa forma a terra, o mar e o firmamento.”²⁸

As batalhas entre os deuses e os gigantes se tornaram constantes. Todos os fenômenos da natureza que causavam algum impacto sobre a população tinham como explicação estas lutas constantes. Uma tempestade com vários trovões era tida como mais uma batalha, um tremor de terra era um aviso de outra batalha, um vento mais forte outro aviso, um dia ameno, fresco e calmo eram os deuses descansando. Essas representações estão impregnadas na cultura nórdica, assim como em diversas outras culturas que encontravam as explicações para os fenômenos do mundo nestas fábulas mitológicas.

As representações apresentam múltiplas configurações, e pode-se dizer que o mundo é constituído de forma contraditória e variada, pelos diferentes grupos sociais. Aquele que tem o poder simbólico de dizer e fazer crer sobre o mundo tem o controle da vida social e expressa a supremacia conquistada em uma relação histórica de forças. Implica que esse grupo vai impor a sua maneira de dar a ver o mundo, de estabelecer classificações e divisões, de propor valores

25 ELIADE, Mircea. apud: MONIZ, Luiz Claudio. Thor o deus do trovão. in: CANDIDO, Maria Regina (org). **Mitologia Gernano-Escandinava: do caos ao apocalipse**. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2001. P. 23.

26 BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis**. Tradução de David Jardim Júnior. 28ª edição. Rio de Janeiro : Ediouro, 2002. p. 380.

27 idem. p. 381.

28 BRAGANÇA JR, Álvaro Alfredo; JOTHA, Cátia. Os deuses entre os homens: aspectos do paganismo germânico na literatura medieval em alemão. in: CANDIDO, Maria Regina (org). **Mitologia Gernano-Escandinava: do caos ao apocalipse**. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2001. p. 56.

e normas, que orientam o gosto e a percepção, que definem limites e autorizam os comportamentos e os papéis sociais.²⁹

A sociedade germânica era composta de uma hierarquia que se prendia a valores familiares. Essa escala era posta a prova quando não havia acordo entre as crenças ou preferências entre os deuses. “Como principais deuses do Olimpo germânico podem ser destacados os deuses Zio-Tir, Wotan-Odin e Loki e como deusas de maior importância tem-se a deusa mãe-terra (Nerto), Fricka-Frigg e Hode-Berchta.”³⁰ Mas existem outros que poderíamos destacar aqui. Preferimos nos reter somente aos que tem relevância no nosso estudo, àqueles que se destacam na história em quadrinhos.

Nesta mitologia o mundo era sustentado por uma serpente gigante que mordida sua calda e se ancorava nos oceanos. Quando acontecia um tremor de terra, muitas vezes estes eram atribuídos a ela. Na outra extremidade se encontrava a árvore da vida chamada *Yggbrasill*, que representa a fertilidade da terra dando os alimentos para os seres que ali habitam. No meio está *Midgard* que é a morada dos homens produzida da testa do gigante primordial Ymir. Após os oceanos se encontra *Jounheimr* a morada dos gigantes que travam eternas lutas com os deuses. Estes habitam *Asgard* uma cidade que se localiza no céu onde existe a fortaleza de Odin chamada *Valhalla*. Nesta habitavam além dos deuses os homens mortos em batalha. *Asgard* é ligada a terra através de uma passagem dentro de um arco-íris chamado *Bifrost*. Nas profundezas da terra está *Niflhein* o inferno nórdico. Nele os que não são mortos em batalha têm este lugar como moradia.

Esses aspectos da geografia na mitologia nórdica nos são mostrados, mas são passíveis de análises e mudanças, pois sabemos que ao analisarmos um acontecimento temos que ter em mente o momento e a ocasião em que ele se passou.

Evitamos cair em falsas expectativas de que a velha mitologia escandinava tivesse os contornos de um arcabouço acabado e definitivo como o que transparece na *Snorra Edda* – todo o contrário do que é lícito esperar de elaborações míticas nascidas da criação

29 PESAVENTO, Sandra Jatthy. **História e história cultural**. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.p. 40-41.

30 BRAGANÇA JR, Álvaro Alfredo; JOTHA, Cátia. Os deuses entre os homens: aspectos do paganismo germânico na literatura medieval em alemão. in: CANDIDO, Maria Regina (org). **Mitologia Gernano-Escandinava: do chaos ao apocalipse**. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2001. p. 53.

oral, por sua própria natureza constantemente mutável e, portanto, sempre provisória³¹

A mitologia nórdica é diferenciada das outras por ter um caráter mais humanizado em relação aos deuses. Eles tinham aspectos humanos, envelheciam e morriam tornando-se seres admiráveis e compreensíveis. Eles estavam mais perto da “realidade” e assim mais perto da população que os admirava e respitava.

O ouro do Rhine

A rica mitologia Escandinava está impressa nos livros como histórias de seres que formaram o universo. Cada época em que são estudados esses escritos geram um modo diferente de percepção por parte dos historiadores. A história permite esse enlace entre tempos diferentes e a imaginação de quem interpreta uma passagem histórica. A literatura e a história se aproximam e se completam nessa relação, pois “cada um sabe que, abrindo um livro de história, o compreende como um romance ou algo parecido; por outras palavras, explicar, da parte do historiador, quer dizer ‘mostrar o desenvolvimento da trama, fazer compreendê-lo.’”³² Essa compreensão nos remete a escrita da história e as várias possibilidades de se percebê-la. Neste trabalho nossa visão é somente uma em um vasto universo de percepções.

As primeiras páginas dos quadrinhos do tomo um do livro O Anel do Nibelungo, nos mostram Erda a personificação da Mãe-terra na mitologia wagneriana (na mitologia germânica convencional essa deusa é conhecida por Nerto). Erda, nesta mitologia, também tem aspectos de uma entidade maior a quem todas as criaturas são submetidas. “A sorte dos homens e também dos deuses era determinada por uma entidade superior, embora não personificada: o Destino. As normas eram as responsáveis em por em prática o que o Destino determinava.”³³ Wagner parece ter colocado estes dois aspectos em uma única entidade para exercer poder sobre todos os seres no universo desde os tempos em que não existia

31 CARDOSO, Ciro Flmarion. Aspectos da Cosmogonia e da cosmografia escandinavas. in: CANDIDO, Maria Regina (org). **Mitologia Gernano-Escandinava: do caos ao apocalipse**. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2001. P. 23.

32 VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história**. tradução de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4ª edição. Brasília: editora universidade de Brasília, 1998. p. 82.

33 DIAS, Alan Ney de Moraes “Ragnarok” – o crepúsculo dos deuses. in: CANDIDO, Maria Regina (org). **Mitologia Gernano-Escandinava: do caos ao apocalipse**. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2001. P. 66.

nenhum tipo de vida. Ela parece ser uma entidade superior não criada e, portanto, o similar ao deus cristão.

Erda canta o começo das coisas narrando sobre os tempos em que não havia praia, céu ou terra. Um emaranhado de vapores, água e fogo se juntaram “ligando uma extremidade pelo calor e pelas chamas”³⁴ o tempo vai passando e as gotas de água se cristalizam formando montanhas de gelo. Surge Ymir o primeiro dos Gigantes que aparece nas páginas 20 e 21 deitado sobre o emaranhado formado pela consistência dos elementos geradores de vida. “Neste cosmo inicial não existia a temporalidade. (...) Os deuses criaram o tempo.”³⁵ Isso é bem mostrado nos quadrinhos, visto que Ymir surge deitado e parece não perceber sequer que está vivo. “Do gigante primordial Ymir seriam provenientes as espécies dos gigantes e dos deuses, e o conjunto do mundo criado, de tal modo que sua figura colossal domina toda a cosmogonia nórdica antiga.”³⁶ Ymir surge e todas as criaturas são provenientes dele. Depois de seu surgimento aparece o primeiro deus: Borr que gera seus filhos para guerrear contra os gigantes. Eles matam Ymir e formam Midgard, a morada dos homens e o resto do mundo, com os mares, florestas e montanhas, através do seu corpo. Os quadrinhos mostram essas batalhas do começo do mundo. Os deuses liderados por Wotan-Odin se juntam nas lutas e vagarosamente arrastam o cadáver de Ymir até o abismo. Cenas de lutas de espadas estampam estes primeiros momentos da história em quadrinhos passando uma impressão da barbárie na formação da terra nesta mitologia.

Na página 24 Wotan-Odin e seus irmãos Honer-Vili e Lodur-Ve aparecem no topo do mundo e é narrado que eles criam o primeiro homem e a primeira mulher.

Tomaram, então, um freixo e dele fizeram um homem e de um amieiro fizeram uma mulher, chamando o homem de Aske e a mulher de Embla. Odin deu-lhes então, a vida e a alma. Vili, a razão e o movimento, e Ve, os sentidos, a fisionomia expresiva e o dom da palavra. A Midgard foi-lhes, então dada para moradia e eles se tornaram os progenitores do gênero humano.³⁷

34 KANE, Gil; THOMAS, Roy. **O anel do nibelungo**. São Paulo: opera grafica, 2003. p. 19.

35 STURLUSON, Snori. apud: CARDOSO, Ciro Fimarion. Aspectos da Cosmogonia e da cosmografia escandinavas. in: CANDIDO, Maria Regina (org). **Mitologia Gernano-Escandinava: do caos ao apocalipse**. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2001. P. 15.

36 CARDOSO, Ciro Fimarion. Aspectos da Cosmogonia e da cosmografia escandinavas. in: CANDIDO, Maria Regina (org). **Mitologia Gernano-Escandinava: do caos ao apocalipse**. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2001. P. 14.

37 BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis**. Tradução de David Jardim Júnior. 28ª edição. Rio de Janeiro : Ediouro, 2002. p. 381.

Os deuses partiram para as alturas reservando um lugar para a morada deles e dos bravos guerreiros humanos tombados nas batalhas. Wotan deixa no rio Rhine uma grande quantidade de ouro que reluz e possui uma grande magia que nem mesmo ele esperava que algo assim poderia conter tal quantidade de poder. Três entidades são designadas para a guarda deste item, as donzelas do Rhine. Elas são uma mistura de sereias, belas mulheres, ninfas e guardiãs. Lembram as Ondinas que aparecem nas Eddas. “As Ondinas, que habitavam o fundo do mar, atraíam os viajantes para não os deixar mais partir.”³⁸ Por serem extremamente bonitas despertam a paixão do anão Alberich da raça dos Nibelungos, que quer a todo custo experimentar o fogo da paixão nos braços de uma das ninfas. Ele vem das profundezas do *Nifflheim* e gostaria de ser tratado bem pelas donzelas. Curiosas com a aparição do anão as ninfas primeiro se assustam com tal investida, pois uma delas retruca: “Pai Wotan avisou-nos do inimigo”³⁹, mas logo que vêem a figura do anão percebem que “o inimigo é inofensivo.”⁴⁰ As guardiãs começam a brincar com Alberich dizendo que gostariam de amá-lo. O anão tenta chegar perto de uma delas e é recebido com chacotas e brincadeiras. Ele se irrita com as mentiras das ninfas e berra chamando-as de devassas desejadas. Logo o anão se distrai com uma luz que vem do fundo do rio. Ele pergunta o que vem a ser aquela forma reluzente abaixo dos seus pés. Uma das ninfas retruca: “afinal, de onde veio tu que nunca ouviu falar do ouro do Rhine?”⁴¹ Os desenhos mostram o despertar da ganância do anão, pois ele se aproxima e ouve toda a história que as guardiãs contam com uma certa inocência e infantilidade. Elas revelam que o ouro possui um grande poder e que quem conseguir forjar um anel com essa pedra preciosa terá toda a riqueza e poder que quiser, mas para isso é preciso renunciar ao amor. As ninfas conversam entre si e dizem que um homem sozinho não consegue levar o ouro todo e somente aquele que goza do amor poderá conter a fúria do anel forjado. O anão ouvindo essas palavras chega perto do ouro e pronuncia: “minha mão extingue sua luz... separa o ouro da rocha! A mesma mão que forjará o anel... Para a vingança! Sejam

38 BRAGANÇA JR, Álvaro Alfredo; JOTHA, Cátia. Os deuses entre os homens: aspectos do paganismo germânico na literatura medieval em alemão. in: CANDIDO, Maria Regina (org). **Mitologia Germano-Escandinava: do caos ao apocalipse**. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2001. p. 55.

39 KANE, Gil; THOMAS, Roy. **O anel do nibelungo**. São Paulo: opera graphica, 2003. p. 26.

40 Idem. Ibdem

41 Idem. p.31.

testemunhas disto... Eu renego teu amor e te rogo uma maldição!”⁴² Ele consegue levar algumas pedras e volta para sua terra gargalhando sinistramente. O anão é conhecido por deter “o conhecimento dos processos de transformação dos elementos da natureza. Portanto, Alberich é possuidor do saber para do ouro forjar o anel de poder.”⁴³

A página 34 da história em quadrinhos mostra a morada dos deuses. Wotan se encontra perdido em seus sonhos e é acordado por sua esposa Fricka. As enormes muralhas de seu reino Valhalla estão terminadas. Fricka se mostra irritada com os pensamentos de Wotan, pois ele prometera aos gigantes que construíram as muralhas a deusa Freia coma pagamento. Vendo a irritação da esposa Wotan retruca que sacrificou um olho por ela, passagem que é contada na quarta parte da obra o anel de Nibelungo onde Wotan sacrifica seu olho para beber um pouco na fonte da sabedoria. Wotan continua dizendo que preza muito as mulheres e não é intenção dele deixar os homens grandes levarem Freia, sua cunhada. “Os deuses nórdicos, liderados por Odin e Thor, precisam compreender a necessidade de se conviver com os destrutivos gigantes de gelo e da montanha, já que eles fazem parte do plano de equilíbrio do universo.”⁴⁴

Os gigantes Fasolt e Fafner se aproximam dos deuses e exigem seu pagamento pelo serviço terminado. Wotan se fazendo de desentendido pergunta aos dois qual seria seu pagamento pelo serviço prestado, Fasolt logo diz que o deus não poderia ter esquecido do trato “nosso preço é Freia!” Pronuncia. Wotan ganha tempo esperando por Logi a versão de Loki na mitologia de Wagner. Os gigantes exigem seu pagamento alegando que da mesma forma que trabalharam para os deuses, estes tem a obrigação de cumprir a parte no acordo, visto que Wotan jurou sobre a sagrada lança Rúnica. “Odin é o deus mágico, o mestre das runas, líder do panteão e patrono dos heróis vivos e mortos.”⁴⁵ Os deuses na mitologia nórdica estão presos a regras de juramentos nas sagradas runas. Wotan gravou as runas mágicas em sua laça “estabelecendo regras de comportamento para os gigantes e anões,

42 Idem. p.33.

43 MONIZ, Luiz Claudio. **Vida, morte e magia no drama musical o anel do Nibelungo (o ouro do Reno e a Valquíria), de Richard Wagner.** Rio de Janeiro: Nearco número II, ano I, issn:1982-8713. NEA/UERJ, 2008. p. 76.

44 . Thor, o deus do trovão. in: CANDIDO, Maria Regina (org). **Mitologia Gernano-Escandinava: do caos ao apocalipse.** Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2001. P. 44.

45 idem. p. 38.

deuses e mortais.”⁴⁶ Essas normas são estabelecidas para todos os habitantes de todos os reinos.

Embora, ao tratar das normas, a *Voluspá* enfatize seu papel legislador e no estabelecimento do destino somente em relação aos humanos (estrofe 20), também os deuses estavam submetidos às mesmas regras e aos riscos implicados nas ações.⁴⁷

As runas são usadas por Wotan como um oráculo em uma passagem da história quando ele diz que elas lhe mostraram que esse ouro escondido nas profundezas do Rhine iria trazer algum tipo de problema. Julio César em seu livro “A guerra das Gálias” já apontava esse uso divinatório das runas.

Soube que era costume entre os germanos que as mulheres consultassem a sorte e fizessem oráculos para saber se chegara ou não o momento de combater; ora elas diziam que os Germanos não poderiam ser vencedores, se travassem combate antes da lua nova⁴⁸

Com o impasse formado aparece o deus Donner-Thor dizendo que ninguém levará a deusa Freia de seus domínios e que não é de hoje que seu martelo recompensa os gigantes.

A Edda em prosa, do islandês Snorri Sturluson, mostra um Thor guerreiro, sempre lutando contra os inimigos dos deuses, os gigantes de gelo e da montanha. Quando há alguma ameaça, o deus do trovão é chamado para proteger seus semelhantes, sempre com o seu martelo em riste, a mais poderosa das armas divinas.⁴⁹

Wotan acalma os ânimos de todos e diz que todos os tratos são garantidos pela lança Rúnica. Esse é um sinal de que os deuses mantinham sua palavra nos juramentos feitos sobre a lança sagrada. Todos param para ouvir Wotan até o aparecimento de Logi. A confiança de Wotan na astúcia de Logi é tamanha que ele diz que fez o acordo com os gigantes na esperança de Logi desfazer o

46 COTTERELL, Arthur. **Enciclopédia de mitologia**. Tradução de Margarida Vale de Gato. China: Livros e Livros, 1998. p. 245.

47 CARDOSO, Ciro Flmarion. Aspectos da Cosmogonia e da cosmografia escandinavas. in: CANDIDO, Maria Regina (org). **Mitologia Gernano-Escandinava: do chaos ao apocalipse**. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2001. P. 21.

48 CÉSAR. **A guerra das Gálias**. Tradução de Franco de Sousa. Lisboa: Estampa, 1989. p. 50-51

49 MONIZ, Luiz Claudio. Thor, o deus do trovão. in: CANDIDO, Maria Regina (org). **Mitologia Gernano-Escandinava: do chaos ao apocalipse**. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2001. P. 39.

mesmo. Logi é sarcástico com Wotan dizendo que não foi ele quem havia feito tal trato. Este deus que representa Loki o deus do fogo “em um poema édico, *Lokasenna*, o semideus Loki (filho de um gigante e de uma deusa) cobre as diversas divindades de críticas sarcásticas.”⁵⁰ Sua atuação é sempre com desdém, sarcasmo e comicidade.

Os deuses se enfurecem com Logi e Donner quer destruí-lo, mas o astuto deus diz que viajou os quatro cantos do mundo a procura de algo que pudesse substituir o pagamento almejado pelos gigantes. Fasolt pergunta o que Logi encontrou que poderia substituir o amor de uma mulher. Logi responde:

na água, na terra e no ar não encontrei nada que substituísse a delicadeza e o amor feminino, exceto uma coisa! As donzelas no Rhine me contaram como Alberich, o Nibelungo, renunciou todo o poder e esperança do a amor e roubou o tesouro que elas guardavam há muito tempo!⁵¹

Wotan se mostra surpreso com o roubo do tesouro e Logi diz que as guardiãs esperam que ele resgate o ouro e mate o ladrão. Logi ainda fala que o anão forjou um anel mágico e que espera com ele conquistar o mundo. Os gigantes falam do anão com uma certa raiva, dizendo que o astuto Nibelungo sempre apronta e nunca é pego.

Na *Snorra Edda*: gigantes e deuses estão em mútua oposição estrutural. Os anões e os gigantes são funcionalmente bem distintos entre si e os primeiros têm um perfil muito mais positivo do que os últimos; na cosmografia, mortos, gigantes, homens vivos, anões e deuses ocupam espaços específicos que configuram a forma do universo.⁵²

Esses espaços estão tão bem estruturados que cada ser possui seu próprio reino.

Ao ouvirem sobre o ouro roubado pelo anão Alberich os gigantes dizem a Wotan que trocariam isso por Freia. O deus diz que não tem o que eles querem, mas Logi interfere dizendo que ajudará Wotan a pegar o tesouro do anão para pagar

50 CARDOSO, Ciro Flmarion. Aspectos da Cosmogonia e da cosmografia escandinavas. in: CANDIDO, Maria Regina (org). **Mitologia Gernano-Escandinava: do caos ao apocalipse**. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2001. P. 11.

51 KANE, Gil; THOMAS, Roy. **O anel do nibelungo**. São Paulo: opera graphica, 2003. p. 41.

52 CARDOSO, Ciro Flmarion. Aspectos da Cosmogonia e da cosmografia escandinavas. in: CANDIDO, Maria Regina (org). **Mitologia Gernano-Escandinava: do caos ao apocalipse**. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2001. P. 14.

os gigantes pelo serviço realizado. Enquanto não obtiverem o ouro os gigantes vão ficar com Freia até uma posição de Wotan. Fasolt pega a deusa bruscamente e se retira dando um prazo para a troca. Logi com sua astúcia se certifica que os gigantes não querem mais a deusa e sim o ouro, talvez pensando que os gigantes não poderão mais voltar atrás com sua escolha.

A esposa de Wotan esbraveja o porquê de ninguém fazer nada em relação ao “sequestro” de sua irmã. Wotan responde que Donner, Froh e ele próprio ficaram enfraquecidos. Logi comenta que os deuses estão fracos, pois não consumiram as maçãs da juventude de Freia.

Freia representa a primavera e a própria vida, ela é uma grande mãe. Na mitologia wagneriana ela é a detentora das maçãs que rejuvenescem os deuses, impedindo-os de morrer, já que os deuses nórdicos, diferentemente dos gregos e romanos, são mortais (na mitologia nórdica tradicional, a guardiã das maçãs encantadas é a deusa Iduna.⁵³

Com isso os deuses se mostram ingênuos ao ponto de perderem sua juventude ao aceitarem tal forma de pagamento pela construção de sua morada.

Na mitologia convencional “Iduna, esposa de Bragi, é uma deusa muito amada e representa a juventude e a imortalidade. Conserva dentro de um frasco o mel de ouro da juventude. Sem o mel os deuses envelheceriam.”⁵⁴

Wotan disposto a ir até *Niflheim* onde se encontravam os anões, chama Logi para o seguir. Este diz: “onde Wotan quiser ir, Logi irá levarte!” Essa referência é encontrada nas Eddas. Loki, apesar de sua malícia, está sempre de prontidão nos comandos de Wotan. “Onde quer que Loki apareça ao lado de Odin, ele atua como o servo dos deuses e nunca os deixa em falta de artifícios astutos.”⁵⁵ Os dois deuses mergulham no rio e através de uma fenda chegam as profundezas do reino subterrâneo que já aparece conquistado pelo anel do poder. Aberich aparece chicoteando os outros anões em busca de mais riquezas nas paredes de uma mina. Com o ouro do Rhine, além do anel, o irmão de Alberich, Mine forja também o

53 MONIZ, Luiz Cláudio. Thor, o deus do trovão. in: CANDIDO, Maria Regina (org). **Mitologia Gernano-Escandinava: do caos ao apocalipse**. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2001. P. 40.

54 BRAGANÇA JR, Álvaro Alfredo; JOTHA, Cátia. Os deuses entre os homens: aspectos do paganismo germânico na literatura medieval em alemão. in: CANDIDO, Maria Regina (org). **Mitologia Gernano-Escandinava: do caos ao apocalipse**. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2001. p. 55.

55 DIAS, Alan Ney de Moraes “Ragnarok” – o crepúsculo dos deuses. in: CANDIDO, Maria Regina (org). **Mitologia Gernano-Escandinava: do caos ao apocalipse**. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2001. P. 61.

Tarnhelm “capacete capaz de não somente dar a invisibilidade a quem o porta, mas também a propriedade de se transformar em qualquer coisa que se queira.”⁵⁶

Na mitologia germano-escandinava, os gnomos ou anões, detém o conhecimento, ou seja, o saber de transformar os metais em jóias e armas. São eles que, com suas inigualáveis habilidades, labutam incansavelmente em suas forjas para que, com o produto de seu trabalho, possam agradar e/ou negociar com deuses e homens.⁵⁷

Os desenhos da história em quadrinhos mostram os anões trabalhando e forjando armas e jóias com o ouro extraído das minas. Alberich põe o capacete e desaparece na frente de todos, tornando-se invisível e assim podendo vigiar a todos que não estivessem trabalhando.

Wotan e Logi chegam devagar para conversar com o ganancioso anão. Este diz que todos sentirão sua fúria e poder, que agora pode se tornar invisível e assim ninguém roubará seu anel de poder e que além disso pode assumir qualquer forma. Logi, observando aí uma forma de persuasão, duvida das palavras do anão ao passo que este prontamente se transforma em um dragão. “Simbolicamente, o dragão representa, entre outras coisas, a vaidade e a perversão, vícios a serem vencidos e superados pelo herói.”⁵⁸ Essa figura do dragão está presente na mitologia Germânica e em muitas fábulas medievais representando o poder pervertido de muitos personagens. Logi continua perguntando se o anão poderia se transformar em algo menor para fugir de seus inimigos. Alberich, não percebendo os planos do deus, se transforma em um sapo que é logo pisoteado por Logi e o Elmo é retirado da cabeça do anão que volta a sua forma original. Alberich é amarrado e levado para a ponta do abismo onde se encontra a entrada do Valhalla. Lá Wotan se mostra ganancioso em possuir o anel de poder, pois como ele roubou do ladrão não precisaria renunciar ao amor. Wotan, com uma voz poderosa que surge uma ventania, ordena que todo o ouro seja trazido para cima imediatamente. O anão fala algumas palavras mágicas e instantaneamente o ouro se personifica aos pés do deus do vento. “Os saxões acreditavam que Wotan teria vindo através do mar,

56 MONIZ, Luiz Claudio. **Vida, morte e magia no drama musical o anel do Nibelungo (o ouro do Reno e a Valquíria), de Richard Wagner**. Rio de Janeiro: Nearco número II, ano I, issn:1982-8713. NEA/UERJ, 2008. p. 72.

57 Idem. p. 71.

58 Idem. p. 78.

trazendo a sabedoria e a arte de escrever. Seu nome significa 'aquele que sopra'. É o deus do vento e do ar."⁵⁹

Alberich entrega o anel ao deus, mas roga-lhe um infortúnio:

Uma maldição me deu o anel e minha maldição irá com o anel, agora! Assim como esse ouro me deu poder, que agora possa dar a vós a morte na mesma medida! Preocupado estará aquele que usar o anel! E tomado de inveja quem não o tiver! Todos cobiçaram, mas ninguém terá proveito dele, pois da maldição de Alberich ninguém escapa.⁶⁰

Os anões eram tidos como um povo que sabiam das coisas que se passavam entre os gigantes e os deuses. Essas criaturas "surgiram espontaneamente como vermes no corpo morto de Ymir – como nos informa Snorri – mas, posteriormente, receberam dos deuses forma humanóide e inteligência."⁶¹ Portanto sua fama de rogadores de pragas era tida como certa por qualquer entidade mitológica. Wotan parece não se preocupar com isso, visto que já com o anel em seu dedo se sente seguro e ainda mais poderoso. A mesma ganância que ora afetara Alberich, parece agora afligir o deus Wotan.

Os gigantes aparecem exigindo seu pagamento. Ao perceberem que o ouro se encontra no chão, logo se animam. A ganância também dá seu ar da graça entre os gigantes. Fasolt diz que para esquecer os encantos de Freia o tesouro teria que estar empilhado cobrindo a sua altura, para que não mais pudesse ver tamanha beleza. Os gigantes "sabiam que as vidas dos homens, dos animais, dos vegetais e dos próprios deuses estavam diretamente ligadas a Freia. Por isso vivam a persegui-la."⁶² Com isso além do tesouro roubado pelo anão, muitos itens pertencentes aos deuses foram colocados na pilha do tesouro. Os gigantes Fasolt e Fafner perceberam que podiam tirar tudo que queriam com essa "jogada". Quando a pilha já se encontrava cobrindo a silhueta da princesa, ainda assim Fafner diz que o cabelo da mesma ainda podia ser visto. Ele percebe o Tarnhelm nas mãos de Wotan

59 BRAGANÇA JR, Álvaro Alfredo; JOTHA, Cátia. Os deuses entre os homens: aspectos do paganismo germânico na literatura medieval em alemão. in: CANDIDO, Maria Regina (org). **Mitologia Gernano-Escandinava: do caos ao apocalipse**. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2001. p. 46.

60 KANE, Gil; THOMAS, Roy. **O anel do nibelungo**. São Paulo: opera graphica, 2003. p. 57-58.

61 CARDOSO, Ciro Fimarion. Aspectos da Cosmogonia e da cosmografia escandinavas. in: CANDIDO, Maria Regina (org). **Mitologia Gernano-Escandinava: do caos ao apocalipse**. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2001. P. 15.

62 MONIZ, Luiz Claudio. Thor, o deus do trovão. in: CANDIDO, Maria Regina (org). **Mitologia Gernano-Escandinava: do caos ao apocalipse**. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2001. P. 40-41.

e exige que o mesmo seja colocado no monte junto ao tesouro. Wotan tente se esquivar, mas logo entrega o elmo e pensa em ficar somente com o anel. Este anel começa a fazer jus a sua maldição. Todos que o vêem e o possuem começam a se sentir dependentes dele. Nem mesmo o deus Wotan conseguiu superar esse vício. Mais uma vez Fafner diz que ainda pode vislumbrar o olhar penetrante de Freia através de uma fresta na pilha do tesouro. Ele vê o anel no dedo de Wotan e sua vontade de possuí-lo lhe é mais forte. Wotan por sua vez não quer entregar o anel de maneira alguma. Tanto que Fricka exclama: “Deus sem coração! Entrega o anel para eles!” Ao passo que este responde: “Deixa-me em paz! O anel é meu!” Isso demonstra o poder maléfico da maldição forjada junto com essa jóia.

Com o impasse formado Erda se personifica e fala a Wotan que entregue o anel e livre-se da maldição. Wotan prontamente a obedece, e assim é comprovado que Erda tem a função de Ser supremo nesta mitologia. “Odin é frequentemente chamado de Alfadur (todo pai), mas esse nome é, às vezes, usado de maneira que mostra que os escandinavos tinham a ideia de uma divindade superior a Odin, incriada e eterna.”⁶³

A maldição do anel continua a se prolongar. Os irmãos gigantes Fasolt e Fafner brigam pela posse do anel. Fafner sai vitorioso matando seu irmão nesta empreitada. Wotan assistindo a morte de Fasolt percebe que a maldição é poderosa. Fafner se retira com o anel e a provisão de ouro. Donner ordena aos céus a dissipação de névoas para cobrir todo o universo. Um lamento é ouvido no leito do Rhine. São as donzelas que rogam a volta do ouro reluzente em suas profundezas. Mais uma vez é demonstrado o aspecto de dependência da riqueza que representa o ouro do Rhine. Logi falando para si mesmo se envergonha de ser um deus, pois os mesmos não percebem que estão antecipando o seu fim. O Ragnarok, juízo final para os seres mitológicos, está perto e dele somente os homens escaparão para seguir sua jornada na terra.

Uma versão desta fábula na Edda poética é narrada da seguinte forma. Certa vez apareceu um homem dizendo que construiria uma fortaleza gigantesca para a morada dos deuses e exigia como pagamento a deusa Freia, o sol e a lua. Foi estipulado que o homem trabalharia sozinho somente com a ajuda de seu cavalo e teria que acabar o serviço em um só inverno. Eis que o cavalo era Svadilfair um

63 BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia**: histórias de deuses e heróis. Tradução de David Jardim Júnior. 28ª edição. Rio de Janeiro : Ediouro, 2002. p. 382.

animal poderoso que carregava pedras imensas e ajudava o homem no decorrer da construção. Os deuses percebendo que o homem acabaria o serviço no prazo estipulado encarregaram Loki de dar jeito no acontecido. Loki é conhecido por sua astúcia “ele cria problemas e os soluciona.”⁶⁴ “Loki, sob ameaça, fica responsável de tramar alguma coisa para evitar a finalização da construção.”⁶⁵ Quando faltava somente a finalização da porta de entrada Loki se transformou em uma égua e seduziu o cavalo levando-o para a floresta. Isso atrasou o trabalho e o homem tomou sua forma original de gigante percebendo que o serviço não ia ser concluído no prazo estipulado. Os deuses irritados com a petulância do gigante encarregaram Thor de dar o castigo merecido ao gigante. Thor “levantando seu malho, pagou ao trabalhador seu salário, não com o sol e a lua e nem enviando-o de volta ao Jotunheim, pois, com a primeira pancada do martelo, despedaçou a cabeça do gigante e o atirou ao Niffeheim.”⁶⁶

Considerações Finais

O presente estudo apresentou uma reflexão dos aspectos mitológicos na revista em quadrinhos O Ouro do Rhine. Percebemos que as várias formas de se contar uma passagem histórica pode variar de acordo com o veículo utilizado. A Ópera de Richard Wagner “O Anel do Nibelungo” ganhou uma roupagem totalmente nova na versão em quadrinhos de Thomas e Kane. Esse tipo de mídia possibilitou um melhor entendimento entre a linha histórica e mitológica utilizada pelos autores. A mitologia nórdica-germana possui escassas fontes e devemos levar em consideração as narrativas orais que se encontram acerca do assunto.

Ao contrário do texto escrito, que pode ser estocado à espera de futuros leitores, o texto oral precisa de aceitação imediata para sobreviver. Aceita pela comunidade, a história será memorizada

64 SORENSEN, Preben. apud. CARDOSO, Ciro Flmarion. Aspectos da Cosmogonia e da cosmografia escandinavas. in: CANDIDO, Maria Regina (org). **Mitologia Gernano-Escandinava: do chaos ao apocalipse**. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2001. P. 22.

65 BOULHOSA, Patrícia Pires. **A mitologia escandinava de Georges Dumézil: uma reflexão sobre método e improbabilidade**. brathair 6 (2), 2006: 3-31. (<http://www.brathair.com>)

66 BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis**. Tradução de David Jardim Júnior. 28ª edição. Rio de Janeiro : Ediouro, 2002. p. 386.

socialmente, será repetida, gerará sempre novas versões, sem perder a sua essência.⁶⁷

Essas novas versões surgem para existir confronto entre as ideias representadas. A história é dinâmica e não está estagnada em uma “estante” onde os acontecimentos têm forma própria e se esgotam. Ela permite os vários tipos de olhares para esses acontecimentos que geram novas significações e interagem com todo o conteúdo que ela, a história, pode proporcionar, ou seja: infinitas possibilidades.

Na mitologia a história exerce um papel de compreensão e estruturação das passagens. Toda mitologia tem sua designação e está constantemente sendo reinventa e reorientada. Um mundo dinâmico é exercido nos estudos mitológicos e esses mitos nórdicos chamam a atenção.

A dinâmica é talvez o que mais chame a atenção na visão de mundo escandinava pagã. O próprio caos primordial não era imóvel e estático como em outros mitos das origens, mas sim, marcado por uma instabilidade com efeitos cumulativos.⁶⁸

Esses efeitos são sentidos até hoje quando surgem novas interpretações e traduções dos textos antigos. Percebemos também que o sincretismo se estabelece nas várias culturas e que isso é uma das causas dessas novas abordagens. Por exemplo, na cultura nórdica Loki “foi uma figura extremamente complexa, enigmática, sinistra e, às vezes cômica, especialmente citado e representado iconograficamente pelas fontes do período cristão, associado diretamente com Satanás.”⁶⁹ Eis uma nova visão cristianizada de um deus nórdico. Odin também era associado ao Deus supremo o guardião da vida dos homens. E tantas outras referências que nos mostram que uma abordagem histórica nunca é estática.

A reflexão da narrativa abordada neste artigo teve o caráter de trazer a nossa visão desta obra em quadrinhos.

67 FRANCO JR, Hilário. **Cocanha**: a história de um país imaginário. São Paulo: Cia das letras, 1998. p. 52.

68 CARDOSO, Ciro Fimarion. Aspectos da Cosmogonia e da cosmografia escandinavas. in: CANDIDO, Maria Regina (org). **Mitologia Gernano-Escandinava**: do caos ao apocalipse. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2001. P. 19.

69 LANGER, Johnni. **Revelando a religiosidade Viking**. in: Seculum – revista de história (12); João Pessoa, jan/jun, 2005. p. 169-170.

Como todas as narrativas, esta coloca a ação numa estrutura referencial; supõe um certo repertório de associações e respostas, da parte de sua audiência, e proporciona uma forma significativa à matéria-prima da experiência. Mas, como estamos, em primeiro lugar, tentando entender sua significação, não devemos desanimar com seu caráter fabricado.⁷⁰

Essa fabricação não implica na forma de se relacionar o estudo da história com a ficção embutida no texto. Toda narrativa é passível de análise histórica como essa feita neste artigo que procurou articular a mitologia nórdica com as histórias em quadrinhos.

70 DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos**. Rio de Janeiro: Graal, 1986. p 109.

Referências Bibliográficas

BOULHOSA, Patrícia Pires. **A mitologia escandinava de Georges Dumézil: uma reflexão sobre método e improbabilidade.** Brathair 6 (2), 2006: 3-31. (<http://www.brathair.com>)

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis.** Tradução de David Jardim Júnior. 28ª edição. Rio de Janeiro : Ediouro, 2002

CANDIDO, Maria Regina. **Mitologia Gernano-Escandinava: do chaos ao apocalipse.** Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2001.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia.** Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

CÉSAR. **A guerra das Gálias.** Tradução de Franco de Sousa. Lisboa: Estampa, 1989.

COTTERELL, Arthur. **Enciclopédia de mitologia.** Tradução de Margarida Vale de Gato. Rio de Janeiro: Livros e Livros, 1998.

DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos.** Rio de Janeiro: Graal, 1986.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte seqüencial.** Tradução de Luíz Carlos Borges. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FRANCO JR, Hilário. **Cocanha: a história de um país imaginário.** São Paulo: Cia das letras, 1998.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício.** Tradução de Angélica Chiappetta. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

JARCEM, René Gomes Rodrigues. **História das histórias em quadrinhos**. História, imagem e narrativas. nº5. ano 3, setembro/2007 – ISSN 1808-9895. Disponível em [HTTP//WWW.historiaimagem.com.br](http://www.historiaimagem.com.br). acesso 6 ago 2008.

KANE, Gil; THOMAS, Roy. **O anel do Nibelungo**. São Paulo: opera grafica editora, 2003.

LANGER, Johnni. **Revelando a religiosidade Viking**. in: Seculum – revista de história (12); João Pessoa, jan/jun, 2005.

NOVAES, Aduino (org). **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

MONIZ, Luiz Claudio. **Vida, morte e magia no drama musical o anel do Nibelungo (o ouro do Reno e a Valquíria), de Richard Wagner**. Rio de Janeiro: Nearco número II, ano I, issn:1982-8713. NEA/UERJ, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. **História e história cultural**. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

STONE, Laurence. **O ressurgimento da narrativa**: reflexões sobre uma nova velha história.

VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história**. tradução de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4ª edição. Brasília: editora universidade de Brasília, 1998.